

# **QUE DÓI: SUPERLATIVIDADE CAUSAL NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO\***

## **QUE DÓI: CAUSAL NOMINAL SUPERLATIVE IN BRAZILIAN PORTUGUESE**

**Heloísa Pedroso de Moraes Feltes\*\***  
**Marciele Borchert\*\*\***

---

### **RESUMO**

Este artigo analisa, de forma exploratória, a expressão *que dói* utilizada com função superlativa e intensificadora no Português Brasileiro, propondo sua matriz construcional sob a perspectiva da Gramática das Construções. Propõe-se que a expressão *que dói* [que V<sub>Finito</sub>] possui um elo de herança por subparte com a expressão *de doer* [de V<sub>Infinito</sub>], elencada por Carrara (2010) como Construção Superlativa Causal Nominal. O *Corpus* do Português, seção Web dialetos, foi escolhido para examinar o uso da expressão no Português Brasileiro.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Construção superlativa causal nominal; Gramática das Construções; português brasileiro; *que dói*.

### **ABSTRACT**

This paper aims at analyzing, in an exploratory way, the expression *que dói* used with superlative and intensifier function in Brazilian Portuguese and proposing its constructional matrix from the Construction Grammar perspective. It is proposed that the expression *que dói* [que V<sub>Finito</sub>] has a subpart inheritance link with the expression *de doer* [de V<sub>Infinito</sub>], treated by Carrara (2010) as Causal Nominal Superlative Construction. The Portuguese Corpus, section Web Dialects, was chosen to examine the use of this expression in Brazilian Portuguese.

### **KEYWORDS**

Causal nominal superlative construction; Construction Grammar; Brazilian Portuguese; *que dói*.

---

\* Este artigo é uma versão amplamente revisada da dissertação de mestrado *Explorando Construções Superlativas do Português Brasileiro: um estudo sociocognitivo* (BORCHERT, 2017), orientada por Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. Entretanto, há contribuições originais que não se encontram na dissertação.

\*\* Universidade de Caxias do Sul. E-mail: [helocogn@terra.com.br](mailto:helocogn@terra.com.br)

\*\*\* Universidade de Caxias do Sul. E-mail: [marciele\\_borchert@hotmail.com](mailto:marciele_borchert@hotmail.com).



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o propósito de analisar a expressão *que dói*, a partir dos estudos sobre a superlatividade existentes no Brasil e que se servem da Gramática das Construções<sup>1</sup>. Segue-se a proposta teórico-metodológica da Gramática das Construções, mantendo a linha de investigação já traçada para estudos sobre superlatividade no Português Brasileiro, no sentido de ampliarem-se os estudos por essa abordagem, de modo a colaborar com a avaliação de sua adequação descritivo-explanatória.

O objetivo geral deste artigo é o de examinar especificamente a expressão *que dói* utilizada com função superlativa e intensificadora no Português Brasileiro, propondo sua matriz construcional. A expressão *que dói* [que V<sub>Finito</sub>] manteria uma relação de herança com a expressão *de doer* [de V<sub>Infinito</sub>], elencada por Carrara (2010) como Construção Superlativa Causal Nominal. O destaque para a expressão *que dói* deve-se ao fato de que nem todas as construções [de V<sub>Infinito</sub>] possuem um correlato do tipo [que V<sub>Finito</sub>], razão pela qual motivamo-nos a analisá-la como uma forma de ampliar, de uma forma tópica, os estudos de Carrara (2010).

Fornece-se, a seguir, uma visão geral do tratamento da superlatividade e da intensificação em gramáticas da Língua Portuguesa nos dois quadros resumitivos da abordagem de Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008) e Neves (1999).

Quadro 1 - A superlatividade para Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008)

<b>SUPERLATIVO RELATIVO</b> (CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009)	(a) <b>superioridade</b> (vantagem): “O rapaz é o mais cuidadoso dos pretendentes ao emprego”.
	(b) <b>inferioridade</b> (desvantagem): “João é o aluno menos estudioso do Colégio”.
<b>SUPERLATIVO ABSOLUTO OU INTENSIVO</b> (BECHARA, 2009)	(a) <b>analítico</b> : “O rapaz é muito cuidadoso”.
	(b) <b>sintético</b> : “O rapaz é cuidadosíssimo”.
<b>OUTRAS EXPRESSÕES DA SUPERLATIVIDADE</b>	(a) <b>Repetição da palavra intensiva</b> : “Ele é muito mais cuidadoso” (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008).
	(b) <b>Repetição do adjetivo com valor intensivo</b> : “O dia está belo belo” (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008).
	(c) <b>Comparações</b> : <i>pobre como Jó, feio como a necessidade</i> (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008).
	(d) <b>Uso de artigo definido</b> : “Ela é a cantora” (CUNHA; CINTRA, 2008).

Fonte: elaborado pelas autoras, adaptado de Borchert (2017, p. 25).

O Quadro 2 resume a superlatividade para Neves.

<sup>1</sup> Especificamente as produções do grupo de pesquisa Gramática e Cognição, coordenado pela Profa. Dra. Neusa Salim Miranda.

Quadro 2 - A superlatividade para Neves (1999)

SUPERLATIVIDADE (NEVES, 1999)	
GRADUAÇÃO	INTENSIFICAÇÃO
(a) <b>Uso de 'mais' antes do adjetivo:</b> <i>mais bonitas, mais modernas.</i>	(a) <b>Uso de advérbios antes do adjetivo:</b> <i> muito grave, meio sufocado, extremamente religiosa.</i>
(b) <b>Uso dos sufixos:</b> <i>-oso, -uda e -ucha: gostoso, barriguda, gorducha.</i>	(b) <b>Uso de prefixos intensificadores:</b> <i>hipervazio, super-simplificadas, hiper-realista.</i>
	(c) <b>Uso de sufixo superlativo:</b> <i> fraquíssimo, valiosíssimo.</i>
	(d) <b>Uso de sufixo diminutivo:</b> (não se aplica a adjetivos classificadores): <i>limpinha, pequenininho.</i>

Fonte: elaborado pelas autoras, adaptado de Borchert (2017, p. 26).

A partir da revisão de três gramáticas da Língua Portuguesa, podemos perceber que, mesmo que incluam expressões da linguagem coloquial, elas não conseguem abarcar a ampla variedade de construções superlativas que vêm sendo levantadas em dissertações e teses sobre a superlatividade. Consensualmente, entende-se que as gramáticas normativas não tratam dos usos efetivos de várias expressões de uma língua. As regras da gramática normativa dizem respeito ao que é padrão na modalidade escrita da variedade “cultura” da língua, e seu foco não é a linguagem em sua riqueza expressiva, como um fenômeno sociocognitivo.

O aporte teórico da pesquisa topicaliza o estudo de Carrara (2010) sobre a superlatividade causal nominal; serve-se dos estudos de Miranda (2009a, 2009b), Miranda e Machado (2014), Salomão (2002, 2009a, 2009b) com relação às construções em Língua Portuguesa; e de autores que propõem e discutem a Gramática das Construções, como Goldberg (1995; 2006), Croft e Cruse (2004), Lakoff (1987) e Evans (2007).

O artigo organiza-se em seis seções. A segunda seção situa, de forma breve, a Gramática das Construções a partir dos compromissos epistemo-teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva. A terceira seção caracteriza o estudo sobre a Construção Superlativa Causal Nominal (CARRARA, 2010), a qual é a base para nossa análise. A seção quatro trata do método, das técnicas e dos procedimentos adotados no estudo. Na seção cinco, analisa-se a expressão *que dói*, com valor superlativo, a partir da matriz da Construção Superlativa Causal Nominal. Para a compilação das ocorrências dessas expressões, utilizamos o *Corpus* do Português, especificamente em Web/Dialetos.

## 2 BREVE INTRODUÇÃO À GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

Partindo de uma abordagem geral dos compromissos epistemo-teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, esta seção objetiva caracterizar brevemente a Gramática das Construções em suas teses, conceitos e características mais centrais.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, a faculdade da linguagem é uma habilidade cognitiva humana, que utiliza o mesmo aparato cognitivo de outras tarefas, afirmam Croft e Cruse (2004). Essa suposição se diferencia da premissa gerativista de que o ser humano possui uma capacidade inata e autônoma exclusivamente para a linguagem. A principal preocupação da Linguística Cognitiva é demonstrar o papel das habilidades cognitivas gerais na linguagem. Segundo os autores, a abordagem da linguagem pela Linguística Cognitiva é guiada por três hipóteses principais: (a) a de que a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; (b) a de que a gramática é conceptualização; e (c) a de que o conhecimento da língua emerge do uso da língua.

A Linguística Cognitiva defende que as representações sintática, morfológica e fonológica são basicamente conceptuais, e, embora sons, e até os enunciados, sejam entidades físicas, eles precisam ser compreendidos e produzidos através de processos mentais. Portanto, há processos cognitivos envolvidos na interação linguística, e esses processos utilizados para a linguagem não são muito diferentes daqueles usados para outras tarefas cognitivas, tais como a percepção visual, o raciocínio ou a atividade motora, de acordo com Croft e Cruse (2004, p. 2).

De modo geral, as abordagens cognitivas para as gramáticas são guiadas por duas teses: (a) a tese simbólica e (b) a tese baseada no uso. Para Evans (2007), na **tese simbólica** a unidade fundamental da gramática é o pareamento forma-significado, e significado e gramática se relacionam e se complementam de forma indissociável. Já para a **tese baseada no uso**, Evans explica que o conhecimento da língua é o conhecimento de como ela é utilizada, o que significa que um usuário da língua abstrai unidades simbólicas, os enunciados.

A Gramática das Construções é uma abordagem cognitiva linguística da sintaxe, que surgiu a partir de questionamentos fundamentais da Gramática Gerativa. Croft e Cruse (2004, p. 225-227) afirmam que, de acordo com a maioria das teorias da Gramática Gerativa, o conhecimento gramatical de um falante é organizado em componentes, os quais são, partindo de um princípio geral, fonético, sintático e semântico, perpassados pelo léxico.

Goldberg (2006, p. 4-5) destaca que as abordagens construcionistas compartilham algumas ideias com a corrente gerativista, tais como: (a) a linguagem considerada como um sistema cognitivo mental; (b) a existência de combinações de estruturas para criar novos enunciados; e (c) a necessidade de uma teoria não trivial de aprendizagem da linguagem. Segundo Goldberg, o termo *construcionista* tem diferentes motivações: “A motivação primária para o termo é que as abordagens construcionistas enfatizam o papel das CONSTRUÇÕES gramaticais: pares convencionalizados de forma e função. Além disso, as abordagens construcionistas de modo geral enfatizam que as línguas são aprendidas – que elas são CONSTRUÍDAS à base de *input* juntamente com restrições gerais cognitivas, pragmáticas e de processamento.” (2006, p. 3, grifos originais).

Para a Gramática das Construções, segundo Salomão (2009a), no contexto da Linguística Cognitiva, a gramática, como uma grande rede construcional, é um *continuum* entre sintaxe e léxico, baseada no uso, de modo que as unidades construcionais divergem apenas em sua especificação formal: há construções abertas (a exemplo da construção Sujeito-Predicado), parcialmente especificadas (como a construção proporcional *Quanto mais x, mais y*) e inteiramente especificadas (como o uso de um sufixo com sentido específico, expressões formulaicas e proverbiais, por exemplo).

Miranda, de modo sintético, afirma que a Gramática das Construções “delineia-se como *uma gramática gerativa, simbólica e baseada no uso, que ambiciona a descrição de todas as Construções de uma língua e não distingue criterialmente léxico e gramática.*” (2009a, p. 11, grifo original).

Segundo Goldberg (2006, p. 5), uma construção pode ser reconhecida como tal quando algum aspecto de sua forma ou função não é rigorosamente previsível a partir de seus componentes ou a partir de outra construção existente. Tal concepção caracteriza uma construção como o pareamento de forma e significado. A autora reforça que a abordagem da Gramática das Construções é não derivacional, ou seja, é **monoestratal**, de modo que não há processos (regras) de transformação em que uma estrutura é “derivada” de outra.

Além disso, como afirma Miranda (2009b, p. 63-64), “a linguagem é prática social e a gramática de uma língua é uma rede de símbolos erguida na cultura” e “o conhecimento linguístico do falante é uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor.”.

Salomão (2009b, p. 38-51), sinteticamente, destaca as três asserções fundadoras da Gramática das Construções: construções são unidades básicas do conhecimento linguístico; construções são pareamentos de forma-sentido; e a gramática é uma rede de construções.

Salomão (2002) retoma brevemente o percurso que antecedeu o surgimento da abordagem construcionista da gramática, mencionando a hipótese gerativa, e o quanto esta não contempla o fenômeno do idiomatismo, que origina formações lexicais não composicionais, as quais não previsíveis pelo conhecimento do léxico e da sintaxe de uma língua. A autora explica o surgimento de uma Gramática das Construções, que emergiu em Berkeley, no fim dos anos 1980, a partir de três movimentos analíticos, os quais: (a) estudo das redes polissêmicas; (b) estudo das fórmulas situacionais (idiomas sintáticos); e (c) estudo da variação das valências. Segundo Salomão, o que esses três movimentos têm em comum é a convergência em duas premissas fundadoras: (a) a indistinção entre léxico e gramática, sendo a linguagem uma grande rede construcional, e (b) a concepção do signo linguístico como vetor bipolar indissociável, que parecia forma e condições da construção do sentido, indissolúvelmente semântico-pragmáticas.

Miranda e Machado (2014, p. 121) afirmam que, a partir da teoria da Gramática das Construções, “a *construção*, vista como um símbolo ou signo, adquire um estatuto

teórico de unidade básica do conhecimento linguístico. A partir daí, fenômenos linguísticos, desde os mais idiossincráticos até os mais gerais recebem o mesmo tratamento; todas as unidades linguísticas, em todos os níveis, têm um formato único de descrição, adquirindo contornos construcionais.” (MIRANDA; MACHADO, 2014, p. 121, grifo original).

Salomão (2009a) explica que, por ser uma grande rede construcional, a gramática é um *continuum* entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico, de modo que as unidades construcionais divergem apenas em sua especificação formal: há construções abertas (a exemplo da construção Sujeito-Predicado), parcialmente especificadas (como a construção proporcional *Quanto mais x, mais y*) e inteiramente especificadas (como o uso de um sufixo com sentido específico, expressões formulaicas e proverbiais, por exemplo).

Salomão (2009b) menciona que as construções podem ser postuladas como unidades básicas da gramática e explica que o fato de, em algumas expressões linguísticas, o todo não ser a soma das partes foi o ponto crítico que levou a tal postulação. A questão é que o resultado da combinação presente em uma construção pode ser mais complexo do que os elementos que a constituem, conforme explica a autora através do exemplo de *carcereiro* e *prisoneiro*, lexemas formados pelo acréscimo do sufixo *-eiro* e que possuem duas raízes sinônimas (*cárcere* e *prisão*), porém o acréscimo do mesmo sufixo aos dois lexemas confere-lhes significados antagônicos e complementares do *frame* PRISÃO. Dessa forma, para Salomão, “[a] construção não é matéria de pura combinação sintagmática; ou seja, não é pura forma. Na condição de signo, ela impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede.” (2009b, p. 41).

A tese central da Gramática das Construções diz respeito a uma gramática constituída por uma rede de construções, as quais são motivadas e se relacionam com outras construções em termos de herança. Lakoff (1987)<sup>2</sup> propõe a organização da gramática como uma categoria radial, a partir da qual há construções regulares e prototípicas e, em contrapartida, construções específicas e idiossincráticas, que ocupam um lugar periférico e são herdeiras de instâncias centrais. Segundo o autor, os sistemas cognitivos possuem uma ecologia, e o conceito de “nicho ecológico” é uma parte importante da Gramática das Construções, ou seja: “quanto mais redundantes são as propriedades de uma dada categoria, mais ela é motivada por sua locação ecológica, e melhor ela se encaixa em um sistema como um todo” (LAKOFF, 1987, p. 493).

Sendo a gramática organizada por redes, tem-se a ideia de conceptualização, que sugere diferentes ligações entre as construções de uma língua. Goldberg (1995) explica os elos (*links*) que elucidam as relações de herança entre construções. São eles:

a) **elo por subparte**: quando uma construção é uma subparte de outra e existe independentemente;

---

<sup>2</sup> Croft e Cruse (2004) oferecem uma discussão esclarecedora sobre as diferenças entre as abordagens de Lakoff (1987) e Goldberg (1995) para a Gramática das Construções (Cf. CROFT; CRUSE, 2004, p. 272-278).

b) **elo por instanciação**: quando uma construção é um caso especial de outra, sendo mais específica que aquela que lhe deu origem;

c) **elo por extensão metafórica**: Goldberg (1995, p. 81-89) exemplifica este elo com a Construção de Movimento Causado, como em *Joe kicked the bottle into the Yard* (*Joe chutou a garrafa para o pátio*), que se estende metaforicamente para a Construção Resultativa, como em *Joe kicked Bob black and blue* (*Joe chutou Bob até deixá-lo roxo*), construções nas quais se tem uma mudança de lugar que se estende a uma mudança de estado;

d) **elo por polissemia**: quando construções apresentam a mesma sintaxe e diferem semanticamente.

Esses *links* de herança motivam as construções herdeiras, razão pela qual se diz que uma construção é motivada, contendo algum traço da construção-mãe. Croft e Cruse (2004) resumem o que ocorre num modelo de herança completa: “uma construção pode herdar as estruturas de características de suas construções parentes: isso é a significância da relação taxonômica entre construções nesse modelo. A herança completa é uma relação de tudo ou nada e assim as categorias definidas por uma taxonomia de construção na Gramática das Construções são clássicas.” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 271).

Os autores acrescentam que o elo de subparte é uma ligação meronímica; o de instanciação, um tipo de relação taxonômica; o elo por polissemia é uma ligação de subtipos baseada num centro prototípico e extensões a partir desse protótipo; e no elo metafórico haveria um esquema de superordenação que subsume a construção central (e.g. Construção de Movimento Causado) e a extensão metafórica (e.g. Construção resultativa) (Cf. CROFT; CRUSE, 2004, p. 273-275).

### 3 CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS CAUSAIS NOMINAIS

Em seu estudo, Carrara (2010) insere na rede de construções superlativas as Construções Superlativas Causais Nominais, com o objetivo de explicitar o sistema conceptual que subjaz ao uso metafórico e metonímico da rede de construções metafóricas que evocam um *frame* de Escala em seu grau superlativo, com valor mínimo ou máximo, e descrever o padrão formal e semântico-pragmático que a institui. Seu problema de pesquisa basicamente questiona se as Construções Superlativas Causais Nominais se constituem como um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Superlativas do Português.

A constituição do *corpus* específico, por Carrara, iniciou por sua intuição linguística dos *types* escolhidos para a investigação, os quais se mostraram produtivos na busca posterior nos *corpora*, a saber, o *Corpus* do Português, o *corpus* VISL - *Visual Interactive Syntax Learning* e as revistas de conteúdo *on-line* da Editora Abril<sup>3</sup>. Os 37 *types*/tipos buscados pela autora foram os seguintes: *de abafar, de abalar, de alegrar,*

<sup>3</sup> Disponíveis em, respectivamente: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>, <<http://visl.sdu.dk/visl/pt/>> e <[www.abril.com](http://www.abril.com)>.

*de amargar, de arder, de atropelar, de cansar, de chorar, de detonar, de enjoar, de foder, de humilhar, de incendiar, de ofuscar, de viver, de tirar o chapéu, de comer rezando, de parar o trânsito, de perder o ar, de cortar os pulsos, de estourar a boca do balão, de arrepiar, de matar, de enlouquecer, de doer, de arrasar, de assustar, de arrebatrar, de morrer, de lascrar, de apavorar, de tirar o fôlego, de arrebentar, de abalar as estruturas, de fechar o comércio, de vomitar e de tremer.* Apenas os últimos 16 (destacados em itálico e negrito) foram encontrados no *Corpus* do Português, com um total de 59 ocorrências da Construção Superlativa Causal Nominal; os oito sublinhados apareceram no VISL/Português, com um total de 140 ocorrências; e todos eles apresentaram resultados no *site* da Editora Abril, totalizando 1.261 ocorrências, uma vez que este último banco de dados, embora não seja um *corpus* tratado, conforme explica Carrara, veicula textos de gêneros bastante variados, enquanto os outros dois *corpora* contêm textos mais formais. Usando da Linguística de *Corpus*, Carrara constituiu seu *corpus* específico e obteve 1.390 ocorrências e 37 tipos licenciados da Construção Superlativa Causal Nominal.

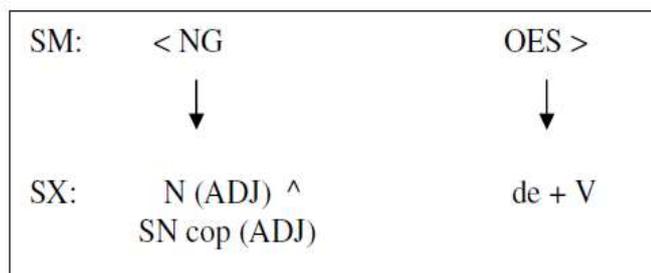
A proposta analítica de Carrara investiga, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, as multidimensões da Construção Superlativa Causal Nominal no que tange à sua motivação conceptual – esquemas imagéticos e processos metafóricos e metonímicos – e à sua arquitetura formal e semântico-pragmática.

Carrara ressalta que, quanto ao aspecto semântico, a Construção Superlativa Causal Nominal tem o valor simbólico de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físico, orgânico ou emocional, os quais se manifestam negativamente sobre o Afetado e são metaforicamente expressos por verbos que se agrupam em *frames* de Causa (Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional). Alguns exemplos das construções registradas por Carrara (2010, p. 71-72) são:

- a) *de amargar*: “uma perda **de amargar**”;
- b) *de abafar*: “Cabelo bem cuidado, corpo **de abafar** e lindamente bronzeado...”;
- c) *de doer*: “não se fazem duas aventuras daquelas, e a minha foi **de doer**”;
- d) *de enlouquecer*: “Não tem borda infinita nem está diante de um panorama de enlouquecer”;
- e) *de humilhar*: “Foi **de humilhar**!”;
- f) *de matar*: “A temperatura era **de matar**”;
- g) *de morrer*: “esses olhinhos castanhos liiiiindos **de morrer**!”.

A partir da dimensão conceptual da Construção Superlativa Causal Nominal, Carrara destacou os esquemas imagéticos (Escala, Força), metáforas primárias (CAUSA É FORÇA FÍSICA e INTENSIDADE É ESCALA) e metáfora complexa (VIVER É GUERREAR), o que ela chama de “motivadores do processo de significação da construção estudada.” (2010, p. 7). A autora apresenta a formalização da Construção Superlativa Causal Nominal, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal



Fonte: Carrara (2010, p. 93).

A Figura 1 caracteriza a forma da Construção Superlativa Causal Nominal, na qual se tem um Núcleo Graduável (NG) e um Operador de Escala Superlativa (OES), expresso sintaticamente por formas verbais precedidas da preposição *de*; e na Sintaxe (SX), tem-se um núcleo ocupado por um adjetivo ou um sintagma nominal, por exemplo, *linda de morrer* e *uma frase de arrepiar*.

#### 4 MÉTODO, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza exploratória e primariamente qualitativa, para identificar e analisar a expressão *que dói* como intensificadora/superlativa a partir de um *corpus* de língua em uso.

Para tanto, foi utilizado o *Corpus* do Português<sup>4</sup>, que contém uma seção de dialetos (Web dialetos), com aproximadamente um bilhão de palavras retiradas de cerca de um milhão de páginas da internet. Essa seção do *Corpus* do Português possibilitou a busca de ocorrências, uma vez que a expressão que pesquisamos está presente, de modo geral, na oralidade, e os textos da internet muito se aproximam dessa modalidade de uso da língua.

Constatou-se a existência de ocorrências dessa expressão no campo *lista* da página inicial do *Corpus* do Português. A análise foi realizada manualmente, por meio das linhas de concordância e acesso ao texto integral nos *links* respectivos nos quadros do *Corpus* do Português. Essa análise quanti-qualitativa manual visou identificar o uso da referida expressão exclusivamente como intensificadora/superlativa e, no processo, foram excluídos os casos de repetição não justificados<sup>5</sup>.

#### 5 ANÁLISE: QUE DÓI

Carrara (2010) estudou a Construção Superlativa Causal Nominal *de doer*, que indica uma causa de impacto físico metafórico. Um dos exemplos mencionados por

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>.

<sup>5</sup> Isso significa que, conforme observações no próprio site do *corpus*, há repetições por erro na compilação. Nesses casos, os administradores do *corpus* sistematicamente eliminam tais repetições, mas, mesmo assim, apenas o uso permite que sejam identificadas as repetições indevidas. As repetições justificadas dizem respeito a trechos que reproduzem enunciados na forma de citação em outros textos, caracterizando-se, assim, seu caráter de discurso repetido e, portanto, de nova ocorrência de uso. Nesses casos, apenas a análise manual permite que essas ocorrências sejam identificadas.

Carrara é “não se fazem duas aventuras daquelas, e a minha foi **de doer**.”, no qual *de doer* intensifica o substantivo *aventura*. Da pesquisa em *lista* no *Corpus* do Português, resultaram 1.674 ocorrências<sup>6</sup>, das quais, eliminados casos de repetição, exemplos de outros países que não o Brasil e casos que não expressam superlatividade/intensificação, restaram 70 ocorrências, suficientes para nossa análise exploratória, sendo 64 de adjetivos que antecedem *que dói* e seis de substantivos, distribuídas em seis padrões estruturais, conforme mostra o Quadro 3.

Quadro 3 - *que dói*: escopo da intensificação/superlatividade

Escopo + <i>que dói</i>	Número de <i>tokens</i>
[Adj] <i>que dói</i>	53
[Adj] <i>que dói</i> [SP]	5
[Adj] <i>que dói</i> [N]	2
Tão [Adj] <i>que dói</i>	2
Tão [Adj] <i>que dói</i> [SP]	2
[N] <i>que dói</i>	6
<b>Total de ocorrências</b>	<b>70</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seguir, apresentamos exemplos com cada escopo:

(a) **[Adj] que dói**: esse padrão foi o mais produtivo na busca, com 53 ocorrências de um total de 69. Foi possível perceber que a maioria dos adjetivos que antecedem a expressão *que dói* são “negativos”, talvez devido ao fato de a dor ser algo, em geral, desagradável.

(1) “Concordo que Neymar é **feio que dói**, mas esse é o menor dos problemas.”<sup>7</sup>

(2) “Já postei outra vez a minha paixão pelos produtos da marca, o único problema mesmo é o valor... **salgadinho que dói**.”<sup>8</sup>

(3) “O goleiro era o Toinho, não Tonho. **Ruim que dói**, mas raçudo.”<sup>9</sup>

No exemplo (1), *feio que dói* intensifica a feiura do jogador de futebol, uma característica negativa. O exemplo (2) faz alusão a um preço muito alto através do adjetivo *salgadinho*, que já funciona, por si só, como uma forma intensificadora, pelo uso do sufixo *-nh* em *salgad-*, nessa acepção metafórica de que um preço alto é salgado, difícil de ingerir. No entanto, não sendo a forma *salgadinho* suficiente para expressar o quão alto é o preço do produto, o falante usou *salgadinho que dói*, o que nos faz presumir que o preço é realmente muito alto.

<sup>6</sup> Da pesquisa no *Corpus* Brasileiro, resultou um número menor de ocorrências (1325 ocorrências), motivo pelo qual não utilizamos esse *Corpus*.

<sup>7</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/artigos/por-que-o-comercial-da-lupo-com-neymar-contem-homofobia/>>.

<sup>8</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://www.mamaesvaidosas.com.br/2013/06/testei-e-aprovei-redermic-hyalu-c-olhos.html>>.

<sup>9</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://www.arquibancadatricolor.com.br/forum/viewtopic.php?p=300571>>.

(b) **[Adj] que dói [SP]**: essa variação da expressão **[Adj] que dói** tem como acréscimo um Sintagma Preposicional (SP). Durante a contagem dos exemplos, deparamo-nos com diversos casos da expressão **que**, em um primeiro momento, pareciam indicar superlatividade, mas que, através da análise mais atenta do contexto, revelaram-se como intensificadoras de uma dor física ou emocional efetiva, como, por exemplo, *frio que dói no corpo* e *ruim que dói no peito*. Já os casos ilustrados em (4), (5) e (6) são casos de superlatividade

(4) “É tanto contrato com valores **exorbitante que dói** até **nas costas da população...**”<sup>10</sup>

(5) “Melancolia **conformista que dói em cada pedacinho do ser.**”<sup>11</sup>

(6) “Com razão, ele é preto e ela é **loira que dói nas vistas.**”<sup>12</sup>

O exemplo (4) intensifica o adjetivo *exorbitante*, e o fato de doer “até” nas costas da população como um indicativo de que a população é quem “paga a conta”. O exemplo (5) intensifica o adjetivo *conformista*, que caracteriza o substantivo *melancolia*. Trata-se de uma melancolia muito conformista, em grau tão intenso que chega a doer “em cada pedacinho do ser”. Esse Sintagma Preposicional também atua, de certa forma, como colaborador para a intensificação de *melancolia conformista*, devido a seu grau de detalhamento, pois não se trata de uma dor qualquer, mas aquela que, de forma intensificadora, dói em cada parte constituinte do ser. Por fim, o exemplo (6) intensifica uma característica física, *loira*, que no contexto está contrastada com *preto*, comparação que chama atenção porque a pessoa descrita no exemplo não é apenas *loira*, mas sim, *loira* que chega a doer nas vistas, de tão forte a sua característica. Ou seja, a presença do SP atua como intensificador de *que dói*.

(c) **[Adj] que dói [N]**: esse padrão, assim como o anterior (**[Adj] que dói [SP]**), tem como constituinte um complemento que indica o lugar onde dói, mas que não está sendo introduzido por preposição. Entretanto, tem a mesma função de intensificação. Apenas duas ocorrências se encaixam nessa forma:

(7) “Além do mais, o Zune é **feio que dói a alma.**”<sup>13</sup>

(8) “Fora que pra variar, tem cada carrinho **feio que dói os zoio do diabo.**”<sup>14</sup>

(d) **Tão [Adj] que dói**: nesse caso, o advérbio de intensidade *tão* tem a função de reforçar a superlatividade já expressa em *que dói*, contando o adjetivo com dois recursos de intensificação. Uma característica é tão forte, tão marcante, que provoca impacto físico (metafórico) de dor.

<sup>10</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em:

<<http://www.blogdomayconalves.com/2013/07/rapidinhas-do-blog.html>>.

<sup>11</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://mvcee.blogspot.com/2013/06/queria-te-dizer-que.html>>.

<sup>12</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://www.tradutorprofissional.com/o-preto-e-o-negro/>>.

<sup>13</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://applemania.info/?p=3067>>.

<sup>14</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em:

<<http://bandeiraverde.com.br/2011/06/06/superleague-pra-que/>>.

(9) “Que as vezes a guria parece ser **tão bonita que dói**.”<sup>15</sup>

(10) “A busca pelo perfeito é **tão ridículo que dói** [...]”<sup>16</sup>

O exemplo (9) contém a intensificação do adjetivo *bonita*, enfatizado pelo uso de *tão* e resultante em impacto físico, metaforicamente. O mesmo acontece com o exemplo (10).

(e) **Tão [Adj] que dói [SP]**: essa variação da expressão *[Adj] que dói [SP]* tem como característica o acréscimo de *tão*. Uma característica é tão intensa que provoca dor, nesse caso, em sentido metafórico.

(11) “A lua está **tão bonita que dói por dentro** [...]”<sup>17</sup>

(f) **[N] que dói**: o padrão com substantivo foi o menos produtivo, com apenas seis ocorrências das 70 totais.

(12) “Revolta no Egito -- uma **incerteza que dói**. Mais um dia de manifestos terminou, e Mubarak tenta mostrar sua força com o apoio do exército.”<sup>18</sup>

(13) “Vôlei Futuro: incerteza e **omissão que dói**.”<sup>19</sup>

(14) “Já foram pedidas outras CPIs, como a do lixo, da concessão do serviço de água e esgoto e do transporte no município. E o que se ouve? Nadinha. Um **silêncio que dói**.”<sup>20</sup>

Nos exemplos (12), (13) e (14), os substantivos *incerteza*, *omissão* e *silêncio* são intensificados quanto à potência com que atuam: há muita *incerteza*, com força superlativa, da mesma forma que a *omissão* e o *silêncio* representam intensa amplitude.

Conforme se mencionou no início desta seção, consideramos *que dói* uma variação da Construção Superlativa Causal Nominal *de doer*, e apresenta-se, na Figura 2, a matriz construcional, adaptada a partir de Carrara (2010).

---

<sup>15</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://4verbos.com.br/tu-te-apaixona/>>.

<sup>16</sup> Exemplo disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/09/guest-post-racismo-no-salao-cabeleireiro.html>>. Acesso em: jun. 2017.

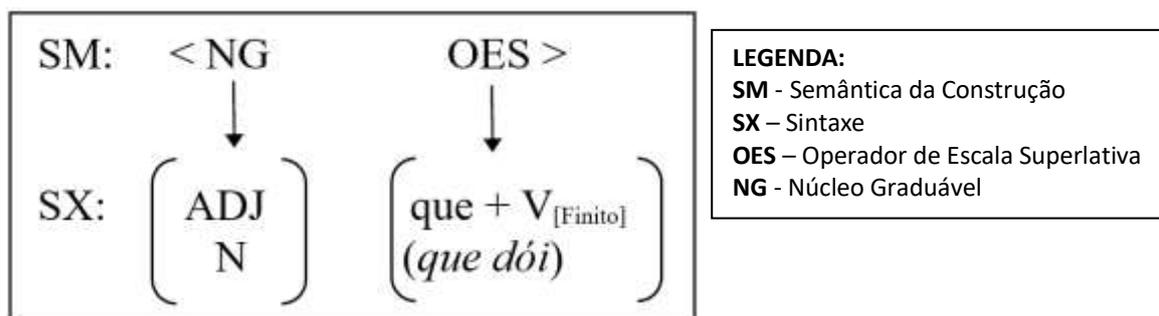
<sup>17</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://semamorsoaloucura.blogspot.com/2006/09/meio-silncio.html>>. Há duas ocorrências dessa expressão, que, embora idênticas, são contabilizadas como duas pelo *corpus* por aparecerem em dois trechos distintos.

<sup>18</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://egitoebrazil.com/2011/01/30/revolta-no-egito-uma-incerteza-que-doi/>>.

<sup>19</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://www.surtoolimpico.com.br/2013/06/volei-futuro-incerteza-e-omissao-que-doi.html>>.

<sup>20</sup> Conforme informação do *corpus*, disponível em: <<http://jornalbeirario.com.br/portal/?p=13589>>.

Figura 2 - Construção Superlativa Causal Nominal *que dói*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Segundo a matriz construcional representada na Figura 2, tem-se um Núcleo Graduável (NG), que pode ser preenchido por um Adjetivo (ADJ) ou por um Substantivo (N), e o Operador de Escala Superlativa composto por *que* mais um Verbo (V<sub>Finito</sub>), no caso específico da expressão, representado por *que dói*.

Embora no universo de 1.674 ocorrências só tenham restado 70 com uso superlativo/intensificador, *que dói* pode ser considerada uma expressão comum para expressar intensificação. Como a dor é uma sensação normalmente ruim, os adjetivos que se combinam com a expressão também indicam, em geral, algo “negativo”. Dos 64 adjetivos que contabilizamos, foram considerados “positivos” apenas *cômico*, *bonito* e *bonita*, e encontramos *branquinho* e *loira*, os quais, nos contextos em que estão inseridos, não indicam algo positivo ou negativo, apenas uma característica ou atributo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pensarmos a gramática como “um sistema de padrões formais paradigmaticamente contrastáveis e gerativamente combináveis, observado um conjunto de restrições de diversa natureza” (SALOMÃO, 2009b, p. 33), muitas expressões frequentemente utilizadas pelos falantes de uma língua estarão além da compreensão. Essas expressões, afirma Salomão, são comumente deixadas de lado, por não se adequarem às regras prescritas pela gramática, o que configura uma oportunidade para a Linguística contribuir como ciência, tratando das “numerossíssimas construções anteriormente negligenciadas”. Há, nesse sentido, o desafio de “descrever todas as construções de uma língua, inclusive aquelas que, por razões teóricas, são reputadas ‘desinteressantes’.” (2009b, p. 35, grifo original).

Apesar dos recentes esforços em estudar as construções do Português, Salomão (2009b) explica que nada ainda foi feito que leve a constituir uma versão integrada de uma gramática do Português do Brasil. A importância dessa empreitada reside no fato de que o todo nem sempre é a soma das partes quando se trata das inúmeras expressões de uma língua.

Em suma, enquadramos a expressão *que dói* na Construção Superlativa Causal Nominal, proposta por Carrara (2010). Baseando-nos nessa construção, criamos uma matriz construcional informal. Como foi observado, os NGs estendem-se a outras classes

gramaticais, para além do ADJ e do ADV. Entendemos que, na rede de construções da superlatividade, a matriz construcional superlativa causal nominal proposta por Carrara poderia comportar, como herança por elo de subparte, a matriz construcional aqui sugerida. Dentre os 37 *types* buscados pela autora em sua pesquisa de *corpora*, poderia ser o caso de se verificar, por exemplo, quais apresentam a variação [que V<sub>Finito</sub>] considerando o *frame* de CAUSA: [que CAUSA V<sub>Finito</sub> [doer/dói]].

De maneira geral, esta pesquisa, assim como as demais que foram e vêm sendo realizadas sobre a superlatividade sob a ótica da Gramática das Construções, reforça a ideia de que os recursos de expressão da superlatividade/intensificação são significativamente variados, dada a criatividade e a produtividade intrínsecas à língua em uso, o que não consegue ser abarcado pela visão restrita das descrições da chamada norma-padrão, que se aproxima da norma da variedade culta escrita, tal como apresentadas pelas gramáticas normativas em geral.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BORCHERT, Marciele. *Explorando construções superlativas do português brasileiro: um estudo sociocognitivo*. 2017. 110fls. Dissertação. (Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.

CARRARA, Anna Carolina Ferreira. *As Construções superlativas causais nominais: uma abordagem construcionista*. 2010. 150p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

EVANS, Vyvyan. *A glossary of cognitive linguistics*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2007.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work*. Oxford. Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press: 1987.

MIRANDA, Neusa Salim; MACHADO, Patrícia Miranda. Polaridades, intensidades e desencontros: uma construção superlativa de estados absolutos. *Linha d'água* (Online), São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-137, jun. 2014.

SALOMÃO, Maria Margarida. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas. Revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, jan./jun. 2002.

\_\_\_\_\_. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a. p. 20-32.

\_\_\_\_\_. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009b. p. 33-74.